

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano IV n. 43 Ago. 2023
ISSN 2675-2573



RECONHECER E VALORIZAR



Filial da
**ABEC
BRASIL**
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 43 - Agosto de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Organização:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Ana Paula de Lima

Isaac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Daniele Marques dos Santos Barreto

Denise Teixeira Santos Menezes

Eliane Cristina Bulgan Borges

Girlene Nascimento da Silva Mantovani

Joseneide dos Santos Gomes

Lana Cristina Teixeira

Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva

Luciana Rodrigues da Graça

Miriam Ferreira

Rita de Cássia Gonçalves Paccola

Sheyla Maria Silva Pimentel

Simone Moreira Garcia

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 43 (ago. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 128 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.43

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.43>

A

São Paulo | 2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 APRESENTAÇÃO

Prof^ª. Antônio Raimundo Pereira Medrado

RECONHECER E VALORIZAR

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

07 CIDADÃO

Banda RAAF

08 Centro Educacional Unificado - CEU

J. Witon



CAPA: Imagem de «a href="https://pixabay.com/pt/users/ciganavida-5796054/">pixabay/»

ARTIGOS

| | |
|--|-----|
| 1. ARTE E MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS DANIELE MARQUES DOS SANTOS BARRETO | 11 |
| 2. A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DENISE TEIXEIRA SANTOS MENEZES | 19 |
| 3. EDUCAÇÃO PARA O TRANSITO: A ESCOLA COMO PROMOTORA DA CIDADANIA ELIANE CRISTINA BULGAN BORGES | 29 |
| 4. AS ARTES VISUAIS E SUAS INTERVENÇÕES NO COTIDIANO INFANTIL GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVAN | 39 |
| 5. ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA E O USO DA TECNOLOGIA NESTE PROCESSO JOSENEIDE DOS SANTOS GOMES | 49 |
| 6. A LUDOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL LANA CRISTINA TEIXEIRA | 61 |
| 7. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL LIDIANE OLIVEIRA LEOPOLDO DA SILVA | 73 |
| 8. O PAPEL DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO DE ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL LUCIANA RODRIGUES DA GRAÇA | 81 |
| 9. CONTRIBUIÇÃO DOS JOGOS NA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA MIRIAM FERREIRA | 95 |
| 10. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA OS CAMINHOS E AVANÇOS CONTRA O RETROCESSO RITA DE CÁSSIA GONÇALVES PACCOLA | 101 |
| 11. AS RELAÇÕES EXISTENTES NO AMBIENTE ESCOLAR: PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA SHEYLA MARIA SILVA PIMENTEL | 109 |
| 12. POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL SIMONE MOREIRA GARCIA | 119 |

Os povos indígenas e originários desempenham um papel vital na formação de nossas sociedades. Suas tradições ancestrais, profundo conhecimento da natureza e contribuições culturais enriquecem nossa identidade coletiva. Além de preservar saberes valiosos, eles oferecem insights cruciais para a medicina tradicional, agricultura sustentável e preservação de recursos naturais.

Reconhecer o passado de injustiças e desafios enfrentados por essas comunidades é um requisito essencial para construir uma base de respeito e justiça. Valorizar seus direitos à terra, línguas e práticas é uma demonstração de compromisso com a diversidade e a igualdade.

A educação desempenha um papel fundamental na promoção dessa valorização. Ela permite que as gerações presentes e futuras compreendam a riqueza cultural e os conhecimentos acumulados pelos povos indígenas. Ao incorporar esses ensinamentos nos currículos escolares, promovemos a conscientização e o respeito desde cedo, quebrando estereótipos e preconceitos que possam existir.

A educação também pode ser uma ferramenta para a revitalização das línguas indígenas e a promoção da preservação cultural. Ao fornecer recursos para escolas e programas educacionais que se concentram nas tradições e saberes locais, estamos garantindo que essas valiosas heranças não se percam no curso do tempo.

Em resumo, ao valorizar e reconhecer os povos indígenas e originários através da educação, estamos construindo uma base sólida para um futuro de entendimento, respeito mútuo e colaboração intercultural. Estamos investindo na construção de uma sociedade que celebra a diversidade e aprende com as experiências e sabedorias únicas dessas comunidades.



Antônio R. P. Medrado
Editor responsável

ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA E O USO DA TECNOLOGIA NESTE PROCESSO

JOSENEIDE DOS SANTOS GOMES

RESUMO

O tema abordado por esta pesquisa centra-se no Transtorno do Espectro do Autismo ou TEA e o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) neste transtorno. Primeiramente, faremos uma breve introdução sobre o assunto em questão. O estudo parte da explicação do que é o TEA, com base em um panorama histórico do transtorno, então será dada uma definição de acordo com o DSM-V e passaremos para a tipologia de TEA do CID-10. Em seguida, falaremos sobre a intervenção educativa que é realizada com alunos com TEA e o que e quem é necessário para realizar essa avaliação de forma mais precisa. Explicaremos alguns dos elementos que são utilizados para a intervenção e, posteriormente, falaremos sobre a intervenção educacional das TIC em alunos com TEA. Explicar em primeiro lugar o que são as TIC, a evolução que teve ao longo da história e o que é necessário ter um mínimo de conhecimentos para poder utilizá-las. E, finalmente, se explicará o uso e os benefícios que têm para os alunos com autismo. O objetivo deste trabalho é aprender mais sobre o que é o Transtorno do Espectro do Autismo, que muitas vezes não se sabe exatamente o que é e a classificação que possui e quais áreas afeta e, por outro lado, ver para quem podemos usar as TIC neste tipo de transtorno já que as novas tecnologias surgiram com tanta força no mundo e no campo da educação como tratamos neste artigo por meio de uma investigação qualitativa das referências selecionados para discutir o assunto.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Intervenção educacional. Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitas pesquisas têm sido feitas sobre a incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e os benefícios que elas incorporam no campo da educação, tanto no ensino de docentes ou equipe docente, quanto na aprendizagem geral em sala de aula e no trabalho com alunos com autismo. De acordo com Garcia (2015), verifica-se que o uso das TIC é positivo no processo ensino-aprendizagem, pois favorece que a aprendizagem possa ser realizada em função do ritmo, maturação e nível cognitivo, motor, entre outros.; que cada aluno com TEA tem, pois como se sabe nem toda pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo tem as mesmas características ou as mesmas deficiências, portanto é necessário um plano individualizado no qual possamos lidar com seus interesses, motivações, ritmos e características.

Por este motivo, a utilização das TIC dá-nos via livre na obtenção deste tipo de ensino, visto que apresenta grande versatilidade, flexibilidade e pode ser adaptada de acordo com as necessidades de cada pessoa ou de cada momento. Por outro lado, vemos como o uso das TIC motiva a crianças com TEA e favorece sua aprendizagem mais facilmente, pois a reforça de forma agradável, divertida e atrativa, já que os alunos com TEA têm uma série qualidades visuais para o processamento de informações que as TICs facilitam muito.

Devemos também levar em consideração que alunos com TEA têm problemas quando se trata de mudanças em seu ambiente, portanto com o auxílio das TIC incentivamos a estruturação e organização do ambiente de interação e assim evitar o conflito que este produz e tentamos que a sala de aula e suas atividades são previsíveis para os alunos.

Com elas, além de trabalharmos na estruturação e organização do horário e ingresso dos professores em sala de aula, também promovemos uma maior autonomia, pois promovem que sozinhos interajam e participem ativamente de seu processo de aprendizagem, já que muitas das atividades que podemos encontrar podem corrigir seus erros e isso faz com que tenham menos problemas de frustração e queiram se aprimorar continuamente (BRITO, 2016).

Em suma, com o uso das TIC há uma melhoria na comunicação e na linguagem, para que assim possam expressar as suas emoções e identificar as dos outros, para que haja uma melhoria nas relações interpessoais, dotando-os de ferramentas que auxiliar na interação social, integrando-se ao meio, podendo desenvolver suas habilidades e autonomia. Para responder a esse transtorno, cada vez mais fácil de serem encontradas em sala de aula, devemos nos aprofundar um pouco em sua definição em sala de aula, um pouco em sua definição, etiologia e características.

Em primeiro lugar, o trabalho se concentrará na definição de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), sua evolução, as causas e as dificuldades que encontramos em crianças com esse transtorno. Posteriormente, veremos como as TIC foram incorporadas como recurso educacional na Educação Infantil. Ante o exposto, esta pesquisa tem como problemática responder à seguinte questão norteadora: qual é a importância da utilização das tecnologias no processo ensino-aprendizagem das crianças com autismo?

COMPREENDENDO O AUTISMO

RECORTE HISTÓRICO DA ORIGEM DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA)

Na história recente do autismo houve uma grande evolução em termos de conceito e transtorno. Um dos primeiros a falar do TEA é Kanner (1943) que afirmou em seu artigo que os Transtornos Afetivos de Contato Autistas afetavam um conjunto de características que não permitiam um relacionamento normal e fluido com outras pessoas. Disse ainda que afeta a parte da aquisição e uso da linguagem e a necessidade que essas pessoas têm de manter o seu ambiente sem variações. E que pode haver ou não outra série de características, como distúrbios do sono, problemas de comportamento, problemas alimentares, etc. (Stelzer, 2010).

Posteriormente, Asperger (1944) em seu estudo *Autistic Psychopathy in Childhood*, pode observar que algumas das características eram semelhantes às nomeadas por Kanner, exceto que diferiam na adequação cognitiva e verbal (STELZER, 2010).

Nos 20 anos seguintes, acredita-se que o Transtorno do Espectro do Autismo seja mais um problema emocional ou afetivo do que cognitivo. Só na década de 1980 essa ideia não é abandonada e é considerado um transtorno de personalidade ou uma psicose infantil.

Até que chega Wing (1981) e os resultados obtidos por seu estudo são bastante semelhantes aos obtidos por Asperger. Por isso, há uma transição para uma concepção holística que nos convida a pensar que existe mais de um transtorno do desenvolvimento, que pode ser autista ou não, mas que apresenta os mesmos sintomas (STELZER, 2010).

A causa exata do transtorno autista não é conhecida com certeza. Embora, principalmente, seja devido a vários fatores genéticos ou hereditários. No entanto, também pode ocorrer devido a problemas pré-natais ou outros fatores não genéticos.

DEFINIÇÃO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

A definição do espectro do autismo sofreu muitas alterações até chegar à definição atual obtida no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V (2014).

De acordo com o DSM-V (2014), o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é definido como um distúrbio grave, persistente e generalizado que afeta a capacidade de interação social e comunicação interpessoal. Também apresentam comportamentos ou atividades restritas e estereotipadas. Aparecem desde a infância e não acompanham o nível de desenvolvimento de acordo com a idade ou maturidade. O que os faz limitar ou prejudicar as relações sociais.

O TEA também é definido por padrões restritos e/ou repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Essas características podem manifestar-se em diversas maneiras como movimentos estereotipados, uso excessivo ou incomum de determinado(s) objeto(o), fixação por determinado(s) assunto(s), fala repetitiva, insistência em padrões de rotina e resistência à mudanças. O novo sistema diagnóstico reconhece que alguns padrões de fascinação ou apego a comportamentos repetitivos podem relacionar-se a hiper ou hipo reatividade a estímulos sensoriais, manifestados através de interesse excessivo por sons, texturas, luzes, objetos que giram, etc. Outras reações extremas como restrição alimentar, medo de sons ou indiferença à dor ou temperaturas extremas também são comuns (INSTITUTO INCLUSÃO BRASIL, 2019, p. 02).

Portanto, de acordo com Silva (2012), é possível observar uma série de indicadores que caracterizam o TEA, tais como:

- Fracasso na reciprocidade socioemocional.
- Dificuldade na aquisição e uso da linguagem, tanto verbal como não verbal.
- Déficits no desenvolvimento, manutenção e compreensão das relações sociais.
- Comportamentos repetitivos e comportamentos ritualísticos e compulsivos.

CLASSIFICAÇÃO

Devemos esclarecer que a CID-10 é a classificação internacional de doenças em sua 10ª edição e, na versão em português, é publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). De acordo com a sua classificação, que tem variado ao longo dos anos, em 2016 foi estipulada a seguinte classificação:

Transtorno autista. Autismo infantil, psicose infantil ou síndrome de Kanner: é caracterizado pelo desenvolvimento anormal que se manifesta antes dos três anos de idade. Além disso, seu comportamento anormal é caracterizado por afetar a interação social e a comunicação e a presença de atividades repetitivas, estereotipadas e restritivas. Além disso, em alguns casos, outros distúrbios podem aparecer, como fobias, distúrbios do sono, distúrbios alimentares, agressividade e acessos de raiva, etc. (STELLIN, 2013).

Síndrome de Rett. Este distúrbio afeta principalmente o sexo feminino e sua causa é desconhecida. Ocorre entre o sétimo mês e os dois anos de idade, ocorre sempre antes dos 4 anos e após o desenvolvimento normal ou que pareça normal para a idade. As principais características que ocorrem são, hipotonia muscular, ou seja, perda da musculatura do corpo, o que ocasionará perda de mobilidade e motricidade fina e grossa. E geralmente é acompanhado por perda parcial ou total do desenvolvimento da linguagem. Devido a essas características, também podemos observar dificuldade ao respirar, salivação, perda do controle esfíncteriano, etc. Finalmente, diga que causa um atraso no crescimento da cabeça (SILVA, 2012).

Outro tipo de distúrbio é a desintegração infantil ou síndrome de Heller. É um distúrbio profundo do desenvolvimento que se caracteriza pelo desenvolvimento normal ou aparentemente normal durante os primeiros dois anos de idade e que mais tarde em questão de poucos meses ocorre uma perda de habilidades já adquiridas e que afeta várias áreas. Têm regressões tanto ao nível da linguagem, como nas atividades recreativas ou nas relações e interações sociais no seu meio (SILVA, 2012).

Síndrome de Asperger. É caracterizada por apresentar déficits de interação social e por apresentar estereótipos e movimentos repetitivos. Neste caso não encontramos atraso no desenvolvimento de linguagem ou cognitivo, embora tenhamos encontrado atraso no desenvolvimento motor, pois podemos encontrar movimentos mais desajeitados (SILVA, 2012).

Transtorno global do desenvolvimento (TGD) ou Distúrbio Abrangente do Desenvolvimento (PDD, em inglês). Inclui hiperatividade naqueles que costumam ser graves e associados à deficiência intelectual, nos quais tendem a ter quociente de inteligência (QI) inferior a 50. Apresentam movimentos repetitivos e estereotípias (SILVA, 2012).

Transtorno global do desenvolvimento (TGD) não especificado. É um distúrbio no qual ocorrem dificuldades de desenvolvimento, mas não satisfazem os outros critérios diagnósticos, como os que especificamos acima (SILVA, 2012).

É caracterizada por uma alteração grave que ocorre em três áreas de desenvolvimento, que são; habilidades de linguagem, relações sociais e comportamento.

BARREIRAS E DIAGNÓSTICO TARDIO

A detecção do autismo é muito importante, pois a falta de reconhecimento desse transtorno tem custos muito altos para as famílias e provedores de serviços de saúde e educação. Muitas vezes, o diagnóstico do autismo é feito quatro ou cinco anos após os pais observarem os sintomas pela primeira vez.

As razões para este reconhecimento tardio são diversas; mas um dos principais é a falta de identificação dos principais sintomas que requerem uma avaliação diagnóstica adequada. Outra razão é que em nosso país os instrumentos de triagem e diagnóstico são pouco conhecidos pelos profissionais primários como os professores e médicos, que são os primeiros a ouvir as queixas e preocupações dos pais (STELLIN, 2013).

Mesmo em contextos mais especializados, essas ferramentas são pouco conhecidas porque sua aquisição e aplicação é um processo complexo e oneroso que os profissionais muitas vezes devem realizar por conta própria. Apesar dessas desvantagens, grandes esforços têm sido feitos nos últimos anos para reconhecer o autismo, uma vez que há evidências de que intervenções precoces melhoram o prognóstico dessas crianças (STELLIN, 2013).

Progressos significativos foram feitos na última década na implantação de instrumentos de diagnóstico e triagem, que são utilizados para fins de pesquisa clínica e epidemiológica. Em alguns países, seu uso tornou-se rotineiro nas escolas e conseguiu-se uma maior detecção do autismo, razão pela qual as taxas de prevalência aumentaram.

Porém, a heterogeneidade significativa na etiologia, idade de início dos primeiros sintomas e trajetória de desenvolvimento tornam o TEA uma condição difícil de detectar. Além dessas dificuldades inerentes à condição, existem outros fatores mais subjetivos que atuam como obstáculos à detecção precoce. Assim, por exemplo, a forma como a família interpreta os sintomas têm sido descrita como barreira em vários países. De fato, um estudo realizado em um contexto brasileiro sugere que uma frequência reduzida de iniciações sociais dirigidas a adultos poderia ser entendida, nesse contexto, como um sinal de cortesia. Da mesma forma, a falta de resposta às instruções do adulto pode ser interpretada como um ato voluntário, vinculado à personalidade da criança e, portanto, não preocupando os que a cercam (GRINKER, 2010).

Outras barreiras foram identificadas em contextos profissionais. Por exemplo, a dificuldade de acesso a instrumentos de triagem adaptados à idade e situação da criança e o número insuficiente de profissionais treinados e experientes, principalmente nos países em desenvolvimento, bem como o risco de os profissionais não utilizarem instrumentos padronizados na ausência de preocupações dos pais (STELLIN, 2013).

No Brasil certas barreiras, também descritas em outros contextos, como a falta de tempo para aplicar uma triagem, a falta de recursos adaptados à sua prática diária, a necessidade de aquisição de conhecimento, foram relatados com base em um grupo de 120 pediatras e médicos de família, como obstáculos importantes para a identificação de casos (GRINKER, 2010).

No Brasil, através de pesquisas realizadas por Stellin (2013), se identificou que as principais barreiras de acesso aos serviços relatadas pelas famílias foram longas listas de espera (50,2%), custos de tratamento (35,2%) e falta de serviços especializados (26,1%).

INTERVENÇÃO EDUCACIONAL EM CRIANÇAS AUTISTAS: RECURSOS DIGITAIS

Quando falamos em intervenção educativa, a primeira coisa que devemos ter em conta é que este cuidado é um programa individual e personalizado, que deve ser desenvolvido globalmente e coordenado a partir de diferentes áreas (saúde, educação, serviço social), e que deve funcionar ao máximo os conceitos de globalidade, sistematização e planejamento da intervenção, integrando todo o processo de cuidado à família, potencializando sua participação ativa nele (MONTEIRO; BARONE, 2015).

Para uma boa intervenção educativa, a detecção precoce é imprescindível, ou seja, a equipe docente deve estar atenta a qualquer tipo de item que soe o alarme para detectar este tipo de distúrbio, a fim de atuar de forma rápida e correta conforme as necessidades de cada pessoa afetada, já que como vimos anteriormente na classificação dada na CID-10 e que as orientações de intervenção serão dadas em escolas inclusivas que permitam o desenvolvimento integral dos alunos em questão (GRINKER, 2010).

Para atuar da forma mais precisa possível, é necessário que haja coordenação entre o professor do aluno em questão e que este tenha o apoio e o trabalho em equipe com a equipe de orientação pedagógica e psicopedagógica, que entre eles se podem encontrar profissionais de diversas áreas como, por exemplo; psicólogos, fonoaudiólogos, professores de audição e línguas, assistentes sociais e, em alguns casos, médicos. Os professores têm de trabalhar em conjunto com a equipe, realizando reuniões e realizando um plano de intervenção educativa conjunto que tenha coerência e coesão.

Deve haver também reuniões com os demais professores para que tenham comprovação da metodologia que será utilizada no caso de alunos com TEA e por último, mas não menos importante, é necessário que haja encontros e uma boa comunicação com as famílias, pois é uma parte importante no processo de aprendizagem de seus filhos e devem ser colocados em comum e na mesma linha educacional, pois desta forma se evita que a criança com TEA não saiba como agir em diferentes situações (MONTEIRO; BARONE, 2015).

A intervenção educativa em sala de aula incidirá no trabalho das áreas afetadas por este transtorno, tais como: interação social, comunicação e linguagem, e a área cognitiva e autonomia pessoal.

Para realizar esta intervenção, Benedetti (2012), deverão ser utilizados diversos elementos, tais como:

- Os Sistemas Aumentativos e Alternativos de Comunicação (SAAC): são formas de expressão distintas da língua falada, que visam aumentar (aumentativa) e/ou compensar (alternativa) as dificuldades de comunicação e de linguagem de muitas pessoas com deficiências.
- Pictogramas: são símbolos gráficos usados para facilitar a linguagem em crianças com algum tipo de dificuldade. Esses símbolos são essenciais no trabalho realizado com alunos com TEA, visto que a maioria das crianças apresenta dificuldades de aprendizagem, além de terem mais facilidade de se comunicar por meio de imagens, por apresentarem menor nível de abstração.

-
- Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC): qual a utilização das novas tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem dos alunos.

Os Sistemas Aumentativos e Alternativos de Comunicação (SAAC) são instrumentos de intervenção dirigidos a pessoas com diversos distúrbios da comunicação e/ou linguagem, e que têm por objetivo o ensino através de procedimentos instrucionais específicos de um conjunto estruturado de códigos não vocal, com necessidade ou não de suporte físico, que, por meio deles ou outros procedimentos instrucionais específicos, permitem funções de representação e servem para realizar atos de comunicação (funcional, espontâneo e generalizável), por si próprios, ou em conjunto com códigos vocálicos, ou como suporte parcial para o mesmo, ou em conjunto com outros códigos não vocálicos (BENEDETTI, 2012)

Dando uma definição mais específica e relacionando-as especificamente com o trabalho com alunos com TEA, Brito (2016) salienta que os SAACs são sistemas de comunicação não verbal que servem para promover, complementar ou substituir a linguagem oral. Estes sistemas podem usar objetos, fotografias, desenhos, sinais ou símbolos.

Dentro dos diversos recursos tecnológicos existentes projetados para viabilizar o acesso de pessoas com deficiência, enfocaremos os Sistemas Aumentativos e Alternativos de Comunicação (SAAC) como um dos meios mais utilizados no desenvolvimento da linguagem com pessoas autistas (BRITO, 2016).

O uso desses sistemas é considerado de grande importância porque, graças a eles, a criança que não fala pode nos dizer o que quer, o que acontece, ou não quer, da maneira que melhor se adapta às suas necessidades.

A comunicação aumentativa e alternativa é um campo interdisciplinar que engloba um amplo conjunto de elaborações teóricas, sistemas de signos, ajudas técnicas e estratégias de intervenção que visa substituir e/ou aumentar a fala.

Essencialmente, o objetivo a ser alcançado é dar um exemplo de comunicação eficaz de forma não verbal, a fim de desenvolver sua linguagem com o maior uso. Por isso, podem ser baseados no uso de pictogramas, imagens, textos e voz combinados. A primeira coisa a fazer é ensinar a criança a entender o uso desses sistemas, o que não é uma tarefa fácil, nem pode ser realizada em um dia, se os destinatários nunca usaram esses métodos, leva tempo para chegar compreendê-los e ser capaz de colocá-los em prática, estabelecendo as relações causais entre uma ação e uma imagem (GRINKER, 2010).

O pictograma é considerado a base desses sistemas, mas, além disso, o texto correspondente aparece na parte inferior deste último e, em muitas ocasiões, o suporte verbal é dado com voz digitalizada.

Desta forma, estaremos promovendo a intenção comunicativa do aluno. O fato de não termos comunicação não significa que a criança não se comunica, ou, pelo menos, tente.

Muitas famílias mostram preocupação ao ver que seu filho não fala, mas é preciso ter em mente que comunicar não é só falar. Algumas pessoas pensam que o uso de SAACs afeta o desenvolvimento da linguagem oral, seja por medo ou rejeição ao uso de outro tipo de comunicação diferente da linguagem verbal, ou por simples ignorância sobre sua função. Deve-se notar que todos têm o direito de se comunicar, de qualquer forma possível. Se a

inclusão na sociedade se pretende de forma integral, é no seio das famílias e pessoas próximas que se deve começar esta transformação (GARCIA, 2015).

Da mesma forma, uma vez que a criança adquire o domínio desses SAACs, o progresso começa a ser percebido em níveis proeminentes. A criança melhora a qualidade e funcionalidade da linguagem oral. Pode ser o caso quando chegar a hora de não exigir mais esses sistemas, em outros casos, simplesmente se tornarão um complemento ideal para comunicação da criança (GARCIA, 2015).

É essencial que haja um certo equilíbrio entre esses métodos de sistemas tradicionais e as novas Tecnologias de Informação e Comunicação, com o objetivo de poderem ensinar o aluno com TEA com múltiplas metodologias, sempre começando por suas necessidades e interesses, fornecendo a resposta educacional cativa mais de acordo com as mesmas.

O USO DAS TIC NA INTERVENÇÃO EDUCACIONAL EM CRIANÇAS COM TEA

Visto que estamos numa sociedade onde podemos constatar que onde quer que vamos encontramos meios tecnológicos e que a sua utilização é cada vez mais crescente, não há dúvidas de que as novas tecnologias introduziram mudanças profundas no nosso meio e nas formas de nos relacionarmos. A televisão, o telefone móvel e o uso da Internet abriram novas possibilidades de comunicação, lazer e formação.

Desta exagerada irrupção de tecnologia no mundo nasce as Tecnologias da Informação e Comunicação, também conhecidas como TIC, são o conjunto de tecnologias desenvolvidas para gerir informação e enviá-la de um lugar para outro. Abrangem um leque muito vasto de soluções incluem as tecnologias para armazenar informações e recuperá-las posteriormente, enviar e receber informações de um site para outro, ou processar informações para calcular resultados e preparar relatórios (BRITO, 2016).

Devemos também ter em mente que o uso das TIC geralmente requer certos conhecimentos ou habilidades de gestão que devem ser aprendidos. Portanto, como temos esse recurso, nada melhor do que utilizá-lo para fins como o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Como pude observar em práticas de pesquisa e treinamento prático, em diferentes escolas inclusivas da Educação Infantil, as TICs estão totalmente integradas para seu uso, pois com elas podemos trabalhar em todas as áreas e de forma diversa de acordo com os objetivos que queremos alcançar.

Por isso, é possível combinar o uso das TIC com o TEA para tentar criar novos ambientes de aprendizagem, não reproduzir os tradicionais, e isso acontece necessariamente para a transformação do papel do professor e do aluno (GARCIA, 2016).

Outras investigações destacaram que as TIC oferecem a esses alunos um ambiente controlado, pois ajudam a estruturar e organizar o ambiente de interação do aluno com TEA, pois se configura como um ambiente altamente previsível que oferece contingências compreensíveis para o aluno. Visto que visualmente são mais fáceis de estruturar e organizar o seu ambiente e a sua intervenção e desta forma têm mais facilidade e se sentem mais seguros na hora de comunicar. Por outro lado, os alunos com TEA acham as TIC mais atrativas, pois por meio delas têm mais autonomia e facilidade na realização de seus processos de

aprendizagem, evitando a frustração por autocorrigir suas atividades e poder interagir com o restante dos alunos e professores (GARCIA, 2016).

É por isso que as TIC oferecem muitas possibilidades no processo de inclusão destes alunos, pois são flexíveis, promovem ambientes interativos e cenários diferentes aos que poderiam ser ministrados em sala de aula, podendo obter uma grande quantidade de informações que farão com que os alunos se tornem críticos e conseqüentemente promoverá autonomia, colaboração e trabalho em equipe, eliminando barreiras de tempo-espço.

Quando se trata de aprimorar e melhorar a comunicação do aluno com autismo, as tecnologias de informação e comunicação podem ser um aliado poderoso. Em primeiro lugar, elas tendem a ser muito atraente, por isso geralmente fica mais fácil captar a atenção dos alunos. Além disso, seu uso costuma ser simples e existem diversos sistemas que podem ser adaptados às características pessoais, bem como às necessidades de cada usuário.

Devemos ressaltar que as Tecnologias de Informação e Comunicação apresentam grandes benefícios no campo das Necessidades Educacionais Especiais e, principalmente, com os alunos do TEA, que constituem o núcleo central deste artigo. Na verdade, nos últimos anos têm havido um interesse acentuado em compreender o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem em pessoas com TEA, o que tem ampliado a utilização das mídias digitais como suporte neste trabalho (GARCIA, 2016).

Parece que essas pessoas têm uma afinidade natural para trabalhar com as TICs, pois proporcionam um ambiente controlado, atenção individualizada e possibilidade de repetição dos exercícios. Além disso, está comprovado que as tarefas de aprendizagem realizadas através do uso das TIC são especialmente motivadoras.

Nessa linha, a informática e a tecnologia da comunicação desempenham um papel fundamental, pois fornecem ao sujeito os suportes físicos precisos para o progresso e tratamento de suas potencialidades comunicativas, cognitivas e socioafetivas. Assim, através das TIC, podem-se atingir três objetivos principais: autonomia, independência e inclusão (GARCIA, 2016).

Pode-se afirmar que tanto os familiares dos alunos com TEA, como também os profissionais que atuam com eles, devem demonstrar interesse em utilizar as possibilidades dessas tecnologias como recurso didático para alcançar uma aprendizagem significativa para os alunos e inovar na prática educativa em sala de aula (GARCIA, 2016).

Em conclusão, podemos destacar algumas propostas para intervenção educacional para implementação de tecnologias de informação e comunicação no processo ensino-aprendizagem, a fim de trabalhar com as habilidades afetadas em crianças com autismo:

- Acondicionar todas as salas de aula, especialmente as que possuem este alunado, com os recursos TIC necessários para trabalhar os conteúdos e objetivos que se pretende atingir.
- Proporcionar a cada aluno com autismo um dispositivo eletrônico no que podemos instalar sistemas de comunicação aumentativa e alternativa, ou trabalhar nos aspectos que queremos promover. Atualmente, os tablets oferecem múltiplas oportunidades e possibilidades para atingir esses objetivos.

- Estabelecer rotinas no início da manhã, bem como na despedida, entre as quais estão canções ou jogos interativos em que os alunos são os principais protagonistas.
- Se a escola tiver uma sala de aula especial, é conveniente contar com diversos aparelhos eletrônicos para realizar as atividades que se realizam, com destaque para a lousa interativa, computadores e tabletes.
- É possível também incluir jogos interativos em sala de aula, que serão úteis para reforçar as relações sociais entre os alunos, uma vez que uma das principais características desse transtorno, como já mencionado, é o comprometimento dessas habilidades.

Por fim, cabe ressaltar que as Tecnologias da Informação e da Comunicação estão se tornando cada vez mais importantes nas diversas áreas do cotidiano, portanto, no campo educacional, devem ser plenamente implementadas e orientar o processo educativo, avançando assim para sala de aula cada vez mais digitalizada.

CONCLUSÃO

Como vimos ao longo desta pesquisa, muito se avançou no que diz respeito ao conceito de TEA, visto que teve uma evolução histórica ao longo dos anos e foi sendo classificado cada vez mais corretamente, diferenciando assim os tipos que existem e as características que cada tipo possui, desta forma é possível atuar de forma mais efetiva na intervenção educativa.

Vimos também que as novas tecnologias têm tido uma grande irrupção a nível mundial, mas também no campo educacional, visto que podemos constatar que na maioria das escolas inclusivas são utilizadas as TICs, seja pelo computador ou pelo quadro digital, entre outras.

Vimos que o uso das TIC em alunos com TEA é muito eficaz, pois auxilia no processo de aprendizagem desses alunos, tornando-os capazes de se comunicarem de forma mais simples e, assim, vemos que se sentem mais seguros e ansiosos por interagir na sala de aula. Desta forma, todas as deficiências que apresentam podem ser trabalhadas de forma mais atrativa e divertida, fazendo com que participem ativamente da sua aprendizagem, evitando frustrações e tornando-os cada vez mais autônomos.

Por fim, consideramos que o uso das TIC é um avanço educacional e, sobretudo, utilizando-as com alunos com TEA, pois facilita o trabalho em sala de aula e que essas pessoas podem aprender de forma mais adequada e com mais facilidade do que se tivesse que seguir uma aula que foi ministrada para o restante dos colegas, visto que esses alunos possuem características diferentes e por isso é necessário atuar de acordo com as necessidades de cada um.

REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, A. C. **A inserção das tecnologias nos projetos pedagógicos das escolas e seus resultados quando aplicadas em pessoas com autismo**. 2012. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- BRITTO, T. C. P. **GAIA: uma proposta de guia de recomendações de acessibilidade web com foco em aspectos do autismo**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

GARCIA, P. C. E. **Uma proposta de atendimento educacional especializado de um aluno com transtorno do espectro autista nos anos finais do ensino fundamental, utilizando mídias digitais e tecnologias da aprendizagem e do conhecimento.** 2015. 75 f. Monografia (Especialização em Mídias na Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GRINKER, R. R. **Autismo um mundo obscuro e conturbado.** São Paulo: Larrousse do Brasil, 2010.

INSTITUTO INCLUSÃO BRASIL. **DIAGNÓSTICO DO AUTISMO NO CID 11, CID 10 e DSM V.** 2019. Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/diagnostico-do-autismo-no-cid-11-cid-10-e-dsm-v/> Acesso em: 15 ago. 2023.

LAMPREIA, C. LIMA, M. M. R. **Instrumento de vigilância precoce do autismo: manual e vídeo.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2012.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MONTEIRO, Francisca Keyle de Freitas Vale; BARONE, Dante Augusto Conte. (Org.) **Autismo e tecnologia assistiva: o autismo à luz da ciência para melhoria de vida das pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA.** São Luís: Engenho, 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

STELLIN, Flores Rodrigues. **Bebês com risco de autismo: o não-olhar do médico.** Rio de Janeiro: Ágora, 2013.

STELZER, Fernando Gustavo. **Uma pequena história do autismo.** São Leopoldo: Editora Oikos, 2010.

Joseneide dos Santos Gomes - Doutora em Psicologia Social pela UK – Universidade John Kennedy; Codiretora da Teses de Doutorado. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Anglo Latino, USP, Universidade de São Paulo; Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos; Artes pela Faculdade de Artes Dulcinea de Moraes; Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba; AEE-Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano do Sul; Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP; Atuou como professora Universitária IEF; Atuou como professora de Filosofia na rede estadual de Ensino de São Paulo por 14 anos; Atuou como Tutora Online no Curso de Especialização: PREVINA / UNIFESP Universidade Federal de São Paulo e experiência como Assistente de Direção.



Revista a EVOLUÇÃO
Ano 42 Jul. 2023
Fl. 43
ISSN 2673-2573

Revista a EVOLUÇÃO

Ano 43 Ago. 2023
Fl. 43
ISSN 2673-2573

COLA TEM E
ESTRELA BI

Vit



RECONHECER E VALORIZAR

www.primeiraev



www.primeiraevolucao.com.br

ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Daniele Marques dos Santos Barreto
Denise Teixeira Santos Menezes
Eliane Cristina Bulgan Borges
Girlene Nascimento da Silva Mantovani
Joseneide dos Santos Gomes
Lana Cristina Teixeira
Lidiane Oliveira Leopoldo da Silva
Luciana Rodrigues da Graça
Miriam Ferreira
Rita de Cássia Gonçalves Paccola
Sheyla Maria Silva Pimentel
Simone Moreira Garcia



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.43>

Produzida com utilização de softwares livres



LibreOffice



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

